

LAZER, TRABALHO E CULTURA POPULAR¹

LEISURE, WORK AND POPULAR CULTURE

José Sergio Leite Lopes²

Durante muito tempo a sociologia do lazer esteve ligada à sociologia do trabalho. Ela procurava analisar o não-trabalho, o chamado “tempo livre” dos agentes da sociedade industrial. Para apresentar-se como tema geral, como domínio empírico e analítico próprio, o lazer é definido como fenômeno decorrente da sociedade capitalista industrial. Nessa sociedade, o econômico se separa do conjunto da vida social e o trabalho se separa das atividades domésticas, existindo à parte como trabalho assalariado (cf. POLANYI, 1980). O lazer, antes imbricado no todo social, agora também se autonomizaria como sendo o não-trabalho, *como atividades incluídas no tempo livre*. Assim, o *Tratado de Sociologia do Trabalho*, organizado por G. Friedmann e Pierre Naville, publicado em 1962 (tradução brasileira de 1973), dedica um capítulo ao assunto, intitulado “Trabalho e Lazer”, assinado por Joffre Dumazedier, especialista na área de lazer dentre essa rede de sociólogos do trabalho. Tais estudos, derivados da sociologia do trabalho, existentes também na sociologia americana e britânica, tiveram sua importância ao chamarem a atenção para uma área pouco estudada e inconscientemente relegada a um segundo plano pelo fato do lazer ser visto como muito menos importante que o trabalho, domínio abarcando as coisas tidas como sérias e decisivas da vida. No entanto, ao seguirem de forma atrelada ao tema dominante do trabalho, esses estudos não puderam propiciar a análise do que tem o domínio do lazer de específico, e do que podem trazer os fenômenos do lazer como essenciais para o entendimento da vida social em seu conjunto.

Vou falar ainda um pouco mais desses estudos atrelados ao trabalho. Embora procurando dar uma idéia da diversidade das atividades de lazer³, complexificar a simples oposição ao trabalho⁴ e analisar características próprias às

¹ Palestra realizada no IV Seminário “O Lazer em Debate”, promovido pelo Centro de Estudos de Lazer e Recreação da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, nos dias 1º a 3 de maio de 2003.

² Professor Adjunto do Departamento de Antropologia da UFRJ. Pesquisador visitante na UFPE (Sociologia).

³ “Essa pesquisa (uma investigação histórica sobre a situação do lazer na evolução técnica e social de 1830 aos nossos dias, aliada a uma investigação sistemática sobre a representação vivida do lazer, de acordo com uma amostra proporcional de 819 operários e empregados urbanos) nos conduziu à seguinte definição funcional: o lazer é o conjunto de ocupações a que o indivíduo pode entregar-se de boa mente, já para descansar, já para se divertir, já para desenvolver a sua participação social voluntária, a sua informação ou a sua formação desinteressada, depois de haver-se libertado de todas as obrigações profissionais, familiares ou sociais”. (DUMAZEDIER, 1973. p. 397).

⁴ “Vários economistas, sociólogos ou psicólogos do trabalho inclinam-se a reduzir a vida cotidiana do trabalhador ao binário trabalho-lazer. É uma simplificação errônea. Na realidade vivida, o lazer se define não só em relação às obrigações profissionais, mas também em relação às demais obrigações, familiares ou sociais” (DUMAZEDIER, 1973. p. 398).

atividades de lazer, no entanto essas tentativas são logo refreadas para obedecer ao postulado de atrelamento ao trabalho⁵.

Como já disse, esses trabalhos tiveram o mérito de completar aspectos dos estudos sobre os trabalhadores europeus, ouvindo-se suas próprias definições e representações, salientando o fato empírico da época (anos 50, 60) de que apesar da tendência ao pleno emprego e da relativa prosperidade, havia um enorme sobre-trabalho, o número de horas extras trabalhadas sendo muito grandes, além de destacar a importância de atividades como os “semilazeres” (que geralmente estão incluídos na categoria nativa francesa “travail à côté”, algo como os nossos “bicos”), as atividades de trabalhos complementares ao trabalho assalariado, que têm também o caráter de lazer, como a pesca a caça, os pequenos concertos e a bricolage, o exercício de habilidades manuais específicas voltadas para vizinhos e para um mercado restrito de consumidores, etc. Mas há uma tendência nesses trabalhos a mostrarem de forma normativa as deficiências das possibilidades de lazer da população trabalhadora e de como ela poderia aproveitar o lazer para sua formação, além de efetuar projeções sobre o futuro do lazer e do trabalho. Com isso as especificidades das atividades de lazer elas mesmas são menos aprofundadas.

No período em que a literatura internacional de ciências sociais, entre os anos 50 e 70, assim trabalhava o tema do lazer, como era a produção brasileira sobre o assunto? Nas ciências sociais o lazer era pouco tematizado ele próprio, estando implicitamente incluído nos estudos de comunidade daqueles anos, nos estudos de folcloristas e em estudos na área de educação. (Os depoimentos nesse seminário, de Ethel Bauzer Medeiros e Luiz Octávio de Lima Camargo podem dar mais informações a esse respeito. Lembro-me de trabalhos de Maria Laís Mousinho Guidi no INEP a respeito do lazer de jovens em Brasília). Ele está ausente da produção em sociologia do trabalho e do desenvolvimento. E reaparece no trabalho de antropólogos sobre o campesinato, sobre o trabalho informal urbano, sobre rituais e religião. Mas aí já entramos em outro período de estudos dos quais falaremos mais adiante.

Uma das contribuições que ultrapassou o atrelamento da temática do lazer ao trabalho foi o trabalho conjunto de Norbert Elias e Eric Dunning. Exilado na Inglaterra durante a perseguição nazista na Alemanha e depois estabelecido naquele país, Elias tinha um interesse especial na peculiaridade inglesa da invenção dos esportes. Sua orientação à dissertação de mestrado e depois à tese de doutorado de Dunning, ambas sobre sociologia dos esportes, deram a oportunidade a ambos de aprofundarem-se no assunto. Ambos ressaltam a hostilidade do meio acadêmico a tal assunto para tese, refletindo o preconceito escolástico da academia relativamente aos

⁵ Comparem-se as duas primeiras sentenças do texto citado a seguir com as outras duas que se seguem, para uma ilustração de uma censura inconsciente ao prosseguimento de uma análise do lazer que não seja obscurecida por uma relação obsessiva ao trabalho: “O lazer em primeiro lugar é a não obrigação. (...) Assim, na definição vivida pelos trabalhadores, o lazer, que sempre se opõe ao conjunto das obrigações, incluindo o trabalho, caracteriza-se, primeiro, pelo poder liberador. Para apreender a dinâmica desse poder essencial do lazer é indispensável estudar as relações permanentes entre o lazer e as obrigações, sobretudo as relações entre o lazer e o trabalho. Eis porque todo estudo do lazer em si, como atividade à parte, atividade de jogo ‘circunscrita nos limites do tempo e do espaço’ (CAILLOIS, 1958) nos parece interessante, porém insuficiente”. (DUMAZEDIER, 1973. p. 398).

assuntos não sérios do lazer e do esporte. O interesse pelo esporte, assim, levou Elias e Dunning a uma abordagem diferente do lazer, desatrelado da sombra do trabalho, e voltada para as dimensões específicas aos fenômenos de lazer, abrindo um enorme campo de pesquisas para essa área, campo este que continua promissor até hoje.

Elias e Dunning começam por uma crítica à oposição entre trabalho e lazer como uma entre tantas oposições de senso comum, naturalizadas pelo pesquisador, e que assim fazem obstáculo ao avanço dos estudos, como as oposições entre seriedade e prazer, mente e corpo, econômico e não econômico, racional e irracional, vida real e fantasia, útil e inútil, razão e emoção; todas oposições ressaltando inconscientemente os primeiros termos em detrimento dos segundos. Além disso, eles questionam o fato do lazer contribuir para diminuir as tensões criadas durante o trabalho. Pois em seus estudos sobre o esporte, uma das características dessa atividade procurada pelos seus praticantes é a de novas tensões criadas no decorrer do seu exercício. Por que as tensões teriam que ser negativas? Vê-se aqui uma das limitações de se naturalizar a oposição trabalho X lazer; uma outra salientada pelos autores é a de que a rotinização realizada pelo trabalho industrial e pelo trabalho burocrático de que os sociólogos do trabalho partem para opor as qualidades regenerativas do lazer é uma abordagem incompleta da rotinização. Esta deve ser tomada como um fenômeno mais abrangente, que afeta não só o trabalho, mas o conjunto da vida social, através dos controles criados no processo histórico de longo prazo, de efeitos cegos ou não planejados, denominado por Elias de “processo de civilização”. A rotinização é vista assim como o controle das emoções que se torna uma segunda natureza, uma censura à extravasão das emoções que pode tornar-se socialmente patológico.

Elias e Dunning partem justamente da qualidade positiva que têm os esportes, de produzirem tensões agradáveis num domínio de jogo; de produzirem emoções, exibidas de forma menos controlada, em público. E assim, de salientarem qualidades autônomas e positivas de um tipo determinado de lazer. O lazer “mimético” ou “lúdico”, que teria por qualidade comum a de produzir emoções a partir da simulação de tensões e dilemas da vida real, transfigurados pelo terreno de jogo ou pelo palco teatral. Em certos casos de lazer “mimético” como certas partidas esportivas, o interesse está não só no descontrole controlado das emoções, mas na produção da excitação, podendo ser exibida em público.

Elias mostra também como o processo de invenção dos esportes na Inglaterra é paralelo e homólogo à invenção da política parlamentar como mecanismo de pacificação das elites nesse mesmo país. Assim, a “esportificação” é paralela à “parlamentarização”, sendo duas dimensões de um processo ocorrendo simultaneamente na esfera do lazer e na esfera da política. Para isso, Elias analisa as regras de contenção à violência no jogo aristocrático da caça à raposa no século XVIII.

A partir desse “esporte” pioneiro, e comparando-o com outros jogos, como o futebol, Elias delineia as propriedades estruturais do esporte moderno: (a)

a pressuposição de um jogo em que haja uma relativa igualdade de chances entre os dois contendores (garantida quando os dois campos são formados de seres humanos, indivíduos ou equipes; tendencial no caso da caça à raposa, na medida em que se prolongava a caça, auto-restringindo os caçadores: proibição do uso de armas, cerco e morte pelos cães, relação forte entre homens e cães etc.); (b) o prazer provocado por uma tensão agradável, somente possível se há esse arranjo de equidade entre os dois campos de combate, tornando mais longo (como no caso da caça à raposa em que não há um tempo regulamentar prefixado) e/ou excitante o combate simulado⁶; (c) o relaxamento final da tensão, com grandes chances de catarse, devido à vitória de um dos campos após um equilíbrio das forças em disputa; e (d) a limitação da violência física (tendência perseguida em todos os esportes em que há disputa entre humanos; observada também na caça à raposa, com a morte indireta da caça via cães).

As análises de Elias (e Dunning) sobre o esporte como lazer, ao trazerem novas luzes sobre esse domínio, até então analiticamente relegado a um subproduto do tema do trabalho, salientam a importância do subtipo de lazer por eles categorizado como "mimético". Elias segue a pista do pensamento de Aristóteles a respeito dos efeitos do teatro grego, que já mostravam como a excitação e a tensão imitando dramas da vida real, encenadas no teatro, reproduzem "mimeticamente" uma excitação agradável, porque em condições simuladas, resultando em efeitos "catárticos" que são curativos. Ele pôde assim demonstrar como o prazer da prática ou do espetáculo esportivo deve-se não ao descanso e ao relaxamento, proporcionados por uma situação de lazer (entendida no senso comum sociológico como complementar e antitética ao trabalho), mas à excitação e à tensão produzidas pelo enfrentamento individual ou coletivo de corpos, pela excitação agradável do simulacro dos enfrentamentos guerreiros violentos, porém com respeito à vida. Há aqui a suposição de que exista uma interiorização suficientemente forte de mecanismos de autocontrole difundidos por toda a sociedade, entre diferentes classes e grupos sociais, tal como se apresentam as sociedades nos diferentes países da Europa ocidental entre os anos 60 e 70. Essa difusão do autocontrole, da disciplina no trabalho e na vida cotidiana, pode levar a excessos dos indivíduos na produção de tensões e culpabilizações na vigilância à manifestação dos sentimentos, e produzir correlativamente uma demanda reprimida pela exteriorização das emoções de tal forma que o título original do primeiro artigo escrito por Elias e Dunning (capítulo

⁶ Elias observa a esse propósito a controvérsia que se repete entre os adeptos de vários esportes a respeito do equilíbrio ideal entre a tensão e a excitação no combate mais ou menos prolongado, por um lado, e o momento relativamente breve da catarse e do relaxamento final da tensão, por outro. O fato de parte dos adeptos particularizarem um ou outro pólo traz consequências para os debates entre políticas e táticas esportivas, como, por exemplo, as da vitória a qualquer custo (a execução da caça, jogar pelo regulamento e ser campeão etc.) ou as do "bom esporte" (favorecendo a maneira de jogar tanto quanto a vitória; a preservação da técnica e do estilo adquiridos etc.). Tais controvérsias não são estranhas às que agitam periodicamente os profissionais e torcedores do futebol da seleção brasileira após o tricampeonato de 70, entre os que privilegiam os resultados (mesmo os empates favoráveis e a tática defensivista) e os que privilegiam a manutenção e aperfeiçoamento do estilo, da técnica e do estímulo ao ataque, mesmo submetidos aos maiores riscos de perder.

1 de Em Busca da Excitação), é "The Quest for Excitement in Unexciting Societies".

A capacidade com que o esporte pôde atender a essa demanda explica a sua rápida difusão internacional a partir da Inglaterra, assim como apoia a análise empírica do significado do espetáculo esportivo do ponto de vista dos seus praticantes e, principalmente, de seu público cada vez maior. Essa análise pode até sugerir a apropriação diferencial da necessidade de liberação das emoções entre os diversos grupos sociais, devido a efeitos de distinção ligados à dominação social. Tal seria o caso da comparação entre, por um lado, um concerto público de música clássica, onde os intervalos entre movimentos do concerto tendo sido feitos, na sua origem histórica, para dar vazão ao aplauso e ao relaxamento da tensão dos músicos e da platéia, transformaram-se nos momentos em que se testa o conhecimento da regra de etiqueta de somente aplaudir no final da peça musical, o aplauso no intervalo constituindo-se em gafe; e, por outro, a assistência a um jogo de futebol, onde o extravasamento comparativamente mais sadio (segundo Elias) das emoções é contínuo. No entanto, aquela análise deixa de lado o processo conflituoso de gênese da própria transformação do jogo "inventado" nos colégios internos ingleses em espetáculos de massa. Ela deixa, assim, de lado, como reconhece Dunning no capítulo 7, os aspectos conflituosos da passagem do amadorismo para o profissionalismo: ao enfatizarem a finalidade dos grupos esportivos como sendo a busca do prazer, os dois primeiros capítulos supõem de forma "inconsciente" os valores, culturalmente relativos e socialmente determinados, do amadorismo.

Assim como Elias prioriza a sociogênese do Estado e do processo de civilização e, portanto, a formação de um primeiro marco desse processo polarizado em torno da sociedade de corte, ele também acaba privilegiando os momentos iniciais de "esportificação" da sociedade inglesa, ilustrando-os com esse primeiro esporte praticado pelos proprietários territoriais em seus domínios, a caça à raposa. Já um outro momento importante da gênese dessa esportificação, talvez por ser mais óbvio, o da "invenção" de diferentes jogos nas public schools essas escolas de elite inglesas funcionando como internatos não é analisado. Esta questão será retomada por Dunning, não tanto em *Sport et Civilisation*, mas nos seus textos sobre a sociogênese comparada do rugby relativamente ao futebol e ao cricket, assim como suas respectivas crises na passagem do amadorismo para o profissionalismo (DUNNING; SHEARD 1979; 1989).

Quem salienta o papel de ruptura da escola na gênese dos esportes modernos, relativamente aos jogos comunitários ou ritualísticos tradicionais, é P. Bourdieu em seu ensaio "Como se Pode Ser Esportivo?", em *Questões de Sociologia*. Lugar da scholé, do lazer, Bourdieu mostra como a escola é a instituição por excelência do exercício dito gratuito, onde se adquire uma disposição distante e neutralizante quanto ao mundo social, e onde práticas dotadas de funções sociais e integradas em um calendário coletivo (como o eram certos jogos tradicionais como o folk football estudado por Elias e Dunning no capítulo 5) são convertidas em exercícios corporais, atividades que passam a ser um fim em si mesmas, submetidas a regras específicas

e inseridas em um calendário próprio. Antes mesmo de se tornarem, segundo a crença vitoriana, meios de "formação do caráter" o aprendizado do combate físico e simbólico com poucos riscos de violência, o aprendizado do autocontrole e do fair-play, qualidades que foram se constituindo paralelamente à criação coletiva e não intencional desses novos jogos, os esportes teriam sido inventados, como destaca Bourdieu, para ocupar o tempo, ao menor custo, desses adolescentes que as public schools tinham a responsabilidade de enquadrar todas as horas durante todo o período escolar. Como técnica pedagógica e disciplinar de internato, de instituição total no sentido de Goffman, a colocação dos jovens estudantes nas quadras ou terrenos de esporte os induzem à prática de atividades corporalmente "sadias", os situam de forma a facilitar a vigilância que sobre eles se exerce, assim como desloca a violência extravasada sobre os mestres ou sobre os prédios escolares em direção de seus próprios colegas.

O historiador Alfred Wahl sugere que os alunos dessas escolas de elite teriam retomado e reorganizado por sua conta, com a aquiescência das autoridades escolares, os jogos de bola tradicionais, nos limites internos dos colégios. Estes jogos, aliás, estariam em regressão no conjunto da sociedade em virtude dos efeitos disruptivos sobre o campesinato e as classes populares menos urbanizadas provocados pelos processos que desembocam na revolução industrial. A sobrevida que os mesmos ganharam nos colégios sofreu logo uma transformação radical, fruto do encontro entre essa necessidade do combate "mimético" de corpos apresentada pelos alunos e a crescente exigência de disciplinarização das autoridades escolares, até então reféns de alunos socialmente mais poderosos que seus mestres (cf. WAHL 1990. p.15-17). A invenção coletiva dos esportes escolares seria, então, fruto de uma pacificação operada no interior dos colégios, a partir aproximadamente de 1830, mediante a aplicação do mesmo habitus social, para usar uma expressão eliasiana, que preside a "parlamentarização" da política inglesa, assim como a "esportificação" pioneira dos passatempos das classes de proprietários territoriais (como a caça à raposa), habitus que estaria presente nas autoridades escolares e em menor grau entre os alunos.

É essa função mais terra-a-terra da invenção dos novos jogos nas escolas de elite inglesas, a saber, suas propriedades de técnicas e práticas de instituição total voltada para a disciplinarização dos jovens em situação de internato, que leva, em seguida, o esporte a ser tão rapidamente reapropriado em vasta escala em direção ao enquadramento disciplinar e moral dos jovens das classes populares. Esta prática originária de instituição total seria uma das chaves para a compreensão da divulgação do esporte e da multiplicação de associações esportivas, organizadas primeiramente por iniciativas filantrópicas, mas recebendo depois o reconhecimento e a ajuda dos poderes públicos.

Assim, os trabalhos de Elias e Dunning, sintetizados no livro *Em busca da excitação*, abrem novas perspectivas ao estudo do lazer, privilegiando o lazer "mimético", que reúne tanto atividades salientado o uso corporal como as atividades

esportivas ou a dança, como atividades tidas como de “alta cultura” como o teatro, o cinema, a música. Tanto Elias como Bourdieu salientam bastante o lado corporal, inconsciente, das práticas, mesmo as práticas tidas como “mentais”. (Outro ponto comum a Elias e Bourdieu é o fato de transcenderem ao ponto de partida pelo trabalho e darem importância às formas de dominação incluídas em sistemas de relações, figurações ou campos. Campos estes presentes tanto nos mundos econômicos, do trabalho, como nos mundos do lazer.) Essas diferentes atividades são enumeradas como as formas elementares do lazer, por Elias e Dunning, e incluem mais fortemente uma ou outra forma, ou ainda as três. São elas a sociabilidade, a motilidade e a produção de imaginação e/ou emoção.

Vou falar um pouco de algumas dimensões do lazer no Brasil. Também aqui são produzidos estudos focalizando dimensões do lazer a partir de outras temáticas que não a oposição ao trabalho a partir dos anos 70. Os estudos antropológicos sobre rituais são importantes nesse aspecto. Destacaria aqui o trabalho de Roberto Da Matta sobre rituais nacionais como o carnaval e sua comparação com outras cerimônias (o seu tripé comparativo em *Carnavais, Malandros e Heróis* entre a festa popular do carnaval, a cerimônia militar/nacional do dia da pátria, as cerimônias e festas religiosas da Semana Santa), inaugurando estudos sobre características da identidade nacional brasileira fundadas nas áreas “marginais” do lazer, nas áreas menos “sérias”, isto é, não às relacionadas ao trabalho, à política, à alta cultura, mas ao carnaval, ao futebol, ao jogo do bicho, para tomar alguns domínios empíricos estudados pioneiramente por DaMatta. Além disso, ele mostra como a sociedade brasileira se caracteriza pela frequência com que rituais da ordem convivem ou se transformam em rituais da desordem, apontando para a profusão de formas da festa no Brasil. Também no início dos anos 80, ou seja, antes da difusão da obra de Elias e mais ainda do livro de Elias e Dunning sobre esporte e lazer (Em busca da excitação), DaMatta produziu o livro *Universos do Futebol* com um artigo próprio e uma introdução consolidando trabalhos antropológicos em curso sobre aquele esporte. Como o ritual secular do carnaval, caracterizando o aspecto lúdico e mimético da identidade nacional, o futebol é analisado por Da Matta como dramatizando características nacionais em outros campos, como o contraste entre a democratização do conhecimento e do acesso às regras naquele esporte e as dificuldades no acesso às regras da política e da cidadania no país. Também a dramatização dos conflitos étnicos, raciais e de classe na história do futebol brasileiro como as representações e o imaginário desencadeados a respeito da derrota da seleção brasileira na copa de 1950 são analisados no livro de Da Matta, mostrando as implicações desse domínio aparentemente “irrelevante” e desprezado pelas análises “sérias” do padrão dominante dos objetos científicos possíveis, sobre a construção de uma identidade nacional. É verdade que a copa de 1958 (e as de 62 e 70, e bem depois, as de 94 e 2002) pode “resolver” de forma catártica o drama colocado pela copa de 50 e em menor grau, pela de 54, a saber, a culpabilização dos jogadores com todos os estigmas das classes populares (inclusive as raciais) como representantes das fraquezas do

povo brasileiro diante das competições internacionais. Alguns desses aspectos sociológicos do futebol brasileiro já haviam sido esboçados por Gilberto Freyre quando da copa de 1938, em artigos de jornal e depois no prefácio ao livro de Mário Filho sobre o negro no futebol brasileiro (cf. LEITE-LOPES, 1994).

Muitos estudos recentes no Brasil, sobre fenômenos relacionados à “cultura popular”, à religião e a rituais, ao esporte, têm mostrado a forte presença, na construção de uma identidade nacional brasileira com base numa predominância da esfera do lazer, de seus aspectos lúdicos e miméticos. Como salienta a análise de Luís Rodolfo Vilhena sobre os intelectuais regionais e o movimento folclórico brasileiro, já os folcloristas salientavam a força dos “folguedos”, das danças, do canto e da música no acervo folclórico brasileiro. E mais, que os folcloristas brasileiros, em divergência com folcloristas europeus expressas em congressos internacionais, salientavam a força do fenômeno de um “folclore emergente”, novo, em criação, em processo de invenção, e mesmo aqueles atingidos pela indústria cultural e pelo mercado (o que fugia das definições dos folcloristas tradicionais, excluindo qualquer contato com o mercado e a indústria cultural). A cultura popular brasileira parecia fazer, com a força de suas manifestações de dança e música, uma “opção” pela sociabilidade via motilidade lúdica. E, através da tradição inventada e renovada dos carnavais brasileiros, a tecnologia do descontrole controlado das emoções nas inversões bahktinianas permitidas pelo carnaval. E isso se reforçaria pela construção, no domínio esportivo do futebol, de uma identidade passando pelo extravasamento controlado das emoções, pela construção não somente de um estilo corporal de jogo, mas também de um estilo de torcer e de se comportar em público diante dos grandes espetáculos esportivos. Essa construção afeta também a sociabilidade através da língua franca do futebol, atingindo não somente os homens, mas também as mulheres, não somente as classes populares, mas o conjunto dos grupos sociais. E não somente a língua franca, mas também a fonte produtora de metáforas futebolísticas para outros domínios da vida social, inclusive políticas.

Como toda atividade de lazer de tipo “mimético” ou lúdico, correm-se riscos e tensões antes do desfecho catártico da atividade. Embora as tensões sociais estejam presentes no interior dessas atividades – como pude constatar em artigos que fiz sobre a história do futebol brasileiro, desde o estilo de jogo até o ritual da morte de Garrincha (cf. LEITE LOPES; MARESCA, 1992) – elas estão mais presentes ainda no conjunto da formação social brasileira, nas suas desigualdades e hierarquias, continuadas e reproduzidas de forma ampliada. Elas estão presentes nos domínios “sérios” da economia, na exploração do trabalho, no desemprego e na grande desigualdade. Tais contrastes podem refletir-se no equilíbrio das emoções, no descontrole de suas manifestações, presentes já nas análises de Sergio Buarque de Holanda sobre o homem cordial brasileiro e o contraste entre a hospitalidade e a fúria, e reproduzidas pelas crescentes desigualdades, apesar de avanços em vários domínios de processos de democratização funcional e maior equilíbrio na correlação de forças entre classes e grupos sociais. Nesse processo de exacerbação das desigualdades,

e no crescimento da violência urbana, o esporte e as atividades lúdicas têm sido usados cada vez mais como programas de educação através do uso combinado de instrumentos como a sociabilidade através da motilidade, a interiorização das regras e o aprendizado do controle e do descontrole controlado das emoções e da imaginação. Tratar-se-ia nesse caso de trazer o risco da violência real para a situação controlada do uso do corpo e das emoções através do lazer "mimético" e poder então dizer como Elias:

"[...] uma sociedade que não oferece aos seus membros, e sobretudo aos jovens, ocasiões suficientes para experimentar a excitação agradável de uma luta que pode, embora não necessariamente, engajar a força física e a habilidade corporal, arrisca-se de tornar excessivamente embotada a existência de seus cidadãos; uma tal sociedade, de fato, não fornece corretivos complementares satisfatórios às tensões pouco excitantes da rotina da vida social." (1996, p.78)

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. Comment Peut-on Être Sportif?. In: BOURDIEU, Pierre. *Questions de Sociologie*. Paris: Minuit. (Questões de Sociologia). Rio de Janeiro: Marco Zero, 1986, 1980.
- MATTA, Roberto de. *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- MATTA, Roberto de; SOAREZ, Elena. *Águias, Burros e Borboletas: um estudo antropológico do jogo do bicho*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- MATTA, Roberto de et al. *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothèque, 1982.
- DUMAZEDIER, Joffre. Trabalho e Lazer. In: G. FRIEDMANN; Pierre NAVILLE (org.) *Tratado de Sociologia do Trabalho*, (original publicado em 1962), São Paulo: Cultrix, 1973.
- DUNNING, Eric e SHEARD, Keneth. *Barbarians, Gentlemen and Players*. Oxford: Martin Robertson, 1979.
- _____. La Séparation des Deux Rugbys. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 79. p.92-107, 1989.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *Em busca da excitação: esporte e violência no processo de civilização*. Lisboa/Rio: Difel/B. Brasil, 1995.
- LEITE LOPES, J. Sergio; MARESCA, Silvain. A Morte da Alegria do Povo. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 20, p.113-134. 1992

LEITE LOPES, J. Sergio. A Vitória do Futebol que Incorporou a Pelada; a Invenção do Jornalismo Esportivo e a Entrada dos Negros no Futebol Brasileiro. *Revista USP Dossiê Futebol*, 22. p.64-83, 1994.

LEITE LOPES, J. Sergio. Esporte, Emoção e Conflito Social. *Mana: Estudos de Antropologia Social*, v.1 n.1, 1995, p. 141-165, 1995.

POLANYI, Karl. *A Grande Transformação: as origens de nossa época*. Rio: Editora Campus, 1980.

VILHENA, Luís Rodolfo da Paixão. *Projeto e Missão: O Movimento Folclórico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998.

WAHL, Alfred. *La Balle au Pied: Histoire du Football*. Paris: Découvertes Gallimard, 1990.

Endereço do Autor:

Jorge Sérgio Leite Lopes

Endereço eletrônico: sleitelopes@alternex.com.br

Recebido em: 26/ 11/ 2003

Aceito em: 05/ 12/ 2003